

06-08-2021

SIMONE BILES

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Simone Biles, 24 anos, corajosamente, escolheu a vida ao se retirar desta competição. Desafiou o sistema de competições desportivas.

Simone – cuja biografia é o melhor testemunho de sua vitória e espírito olímpico – é *citius, altius, fortius* [mais rápida, mais alta, mais forte] E *communis* [juntos]! *Juntos?* De que lado?

As Olimpíadas de Tóquio 2020, adiadas para 2021 em virtude da pandemia – que continua acumulando milhares de mortes causadas por um vírus que se supera com variantes mais rápidas e mais agressivas – enquanto a humanidade se submete à corrida imposta por patrocinadores de bandeiras transcontinentais.

O COI [Comitê Olímpico Internacional] 2021 acrescentou a expressão *communis* pretendendo simbolizar em Tóquio 2021 a reconstrução diante da crise global. Crise decorrente da ganância.

O gesto de Simone Biles simboliza (ou deveria) um grande salto para a saúde e a vida dos atletas. Sua firmeza poderia motivar a criação da medalha Ramazzini em todos os campeonatos – em especial os do produtivismo de mercado, incluindo os dos patrocinadores de atletas e os da ciência – a ser atribuída aos que não veem sentido em atingir os critérios de pontuação destes certames.

Bernardino Ramazzini (Módena/Itália, 1633-1714) - Pai da Saúde do Trabalhador - recomendava a moderação nos diversos ofícios dos séculos 17 e 18, "*não dando tanta importância ao ganho quanto à saúde*" (Ramazzini, 2016, p.266). Estudando as Doenças dos Atletas (livres e escravos) menciona que Galeno (129-199 d.C.) – médico dos gladiadores – "*atraído pelo afago dessa glória fútil de que gozavam os lutadores, [...] sofreu uma luxação do ombro com grave risco de vida, [...] pouco lhe faltando para cair vítima de tensão nervosa*" (p.194-5). Nas Doenças dos Corredores (escravos), alerta que "*eles não obtêm auxílios e não lhes dão conselhos até se acharem prostrados no leito, isto é, até se verem impedidos em sua ocupação de correr*" (p.184).

A altivez, tradução de *altius* mais apropriada ao espírito olímpico, e o espírito *communis* de Simone Biles, que chega a Tóquio visando competir por todas as "*garotas negras e pardas do mundo*", são emblemáticos. Sua atitude tocou e desencadeou reflexões.

Como veiculado em diversos veículos de imprensa (esqueci de dizer, trabalho como supervisora de *clippings*), muitos podem julgar a desistência como falta de empenho ou fraqueza.

Ao contrário, a grandeza de sua decisão revela coragem.

Para uma medalhista – como para profissionais que atingiram prestígio em suas carreiras e trabalhadores em geral por medo da demissão – expor dificuldades relacionadas à saúde mental é um ato de bravura, ousadia e respeito ao bem precioso da saúde.

Simone Arianne Biles (Columbus/Ohio, 14/03/1997) conheceu o abandono na infância, pelos pais e pelo sistema americano de adoção de crianças. A mãe (solteira) enfrentou a dependência química e, por ordem judicial, perdeu a guarda de Simone (aos 3 anos) e seus irmãos. Após entradas e saídas de orfanatos e lares adotivos (passou fome e temia ser separada dos irmãos), aos seis anos de idade, o avô materno e sua segunda esposa decidem adotá-la. Para Simone, eles a salvaram.

Seu excepcional talento foi descoberto por acaso numa excursão da escola a um centro de ginástica, quando suas piruetas espontâneas despertaram o interesse de instrutores resultando em proposta aos pais para que praticasse ginástica olímpica. Nas Olimpíadas 2016 conquistou quatro medalhas de ouro e uma de bronze, além de diversas premiações em competições mundiais. A trajetória de dedicação quase exclusiva à ginástica levou-a a desistir do ensino médio tradicional, em 2012, para estudar em casa, aumentando a jornada semanal de treinos de 20 para 32 horas.

Percebe-se assim que Simone passou a adolescência praticamente sem vivenciá-la e, após a Rio 2016, desfrutou de licença sabática de 15 meses, já mostrando que desejava se dedicar à vida.

Os avós, que a protegeram das drogas e das más companhias no bairro pobre onde moravam ([veja](#)), não puderam resguardá-la do abuso sexual por Larry Nassar, do Comitê Norte-Americano de Ginástica Olímpica, acusado por 156 mulheres e condenado a 175 anos em presídio de segurança máxima ([veja](#)). Médico por 20 anos deste Comitê, era considerado uma 'pessoa de bem' ([Virna](#), 2020) pelas ginastas, seus responsáveis e treinadores.

Não levantava suspeitas, como tantos abusadores de crianças que se aproveitam do privilégio da confiança de suas vítimas. Mas será mesmo que seus colegas da Universidade Estadual de Michigan e demais membros do Comitê não teriam percebido comportamentos suspeitos nem ouviram queixas de suas ginastas? Ou se omitiram e protelaram a investigação de denúncias? A oferta milionária de acordo com as vítimas dessa Universidade sugere a omissão ou procrastinação. O medo da fuga de patrocinários seria um apelo irrecusável ao silêncio? Silêncio perverso que protege opressores e abala a saúde mental de oprimidos.

A exploração midiática e econômica da imagem dos atletas é conhecida ([Desmond](#), 2021) e embora os patrocinadores tenham manifestado apoio à Biles ([veja](#)), esta não é a vida real da maioria dos desportistas, mesmo medalhistas. Adriana Araújo, pugilista brasileira, bronze nos Jogos de Londres 2012, precisou trabalhar de Uber em 2017 e cogitou a venda de sua conquista: "*esses patrocinadores aproveitadores [...] Mentira, patrocinador é aquele que está ali lado a lado, desde o momento mais difícil até o momento bom da vida do atleta*" ([veja](#)).

Observo que meus colegas repórteres apresentam os atletas relacionando suas medalhas e suas lesões/cirurgias. É necessário se lesionar para atingir o Olimpo? Colecionar depressão e ansiedade é um critério para a comprovação do mérito? Simone Biles, vítima de racismo e de abuso sexual chegou a Tóquio com a carga de superar sua própria marca ("*estou tentando vencer a mim mesma*"). Alguns dizem apressadamente que isto faz parte do espírito olímpico. Está faltando espírito ao olímpico. Mais Jogos no lugar do Olimpo ([veja](#)). Mais amor onde se coleciona dor. Mais vida à humanidade.

"Não somos apenas atletas. Somos pessoas, afinal de contas, e às vezes é preciso dar um passo atrás."

Obrigada, Simone Biles!

■ ■ ■

Nota: A história de um slogan informal muito conhecido - "*O importante não é vencer mas participar*" - parafraseado por Coubertin a partir da ideia do Bispo Talbot num sermão na Catedral [Anglicana] de São Paulo (Londres/RU), durante a 4ª Olimpíada da Era Moderna (1908), contribui para compreender a pressão do Estado e das elites sobre os atletas. Os Jogos aconteceram também em meio a uma crise: a erupção do Vesúvio em 1906, impossibilitando a organização pelos italianos, obrigou a transferência da sede para a Inglaterra. Futilidades da realeza estendendo a maratona em 2.195 metros (além dos 40 km originais), para que a largada fosse apreciada dos jardins do Palácio, levariam o maratonista italiano Dorando Petri à exaustão, desfaecimento e desclassificação. Petri foi posteriormente condecorado pela Rainha da Inglaterra como grande herói olímpico.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.